



12º Congresso de Pós-Graduação

DEPOIMENTO DE UM PROFESSOR DE QUÍMICA INICIANTE

Autor(es)

THIAGO ANTUNES SOUZA

Orientador(es)

ROSELI PACHECO SCHNETZLER

Resumo Simplificado

O presente trabalho tem como eixo central de reflexão a seguinte questão: Por que ensino como ensino? Neste sentido, proponho-me problematizar minhas experiências de professor de química iniciante relacionando-as à complexidade do processo de ensino-aprendizagem. Nesta tentativa de confrontar minhas características de formação e de atitude profissional, realizo um estudo a respeito da formação docente (no modelo da racionalidade técnica e no modelo da racionalidade prática) e da prática do professor a partir dos trabalhos de PÉREZ-GÓMEZ, 1992; CONTRERAS, 2002; SCHÖN, 1992; ZEICHNER, 1993 para que mais adiante, sejam possíveis considerações acerca da construção de conhecimento químico escolar a partir dos trabalhos de MACHADO, 2000; LOPES, 1999, 2007; MALDANER, 2000; SCHNETZLER, 2000. Discuto, neste contexto, um dilema enfrentado na graduação: em minha própria formação inicial existiu um paradoxo entre o que eu aprendi e o que eu preciso, como professor, levar à sala de aula. Nas aulas de práticas pedagógicas discute-se a necessidade de construir um modelo de ensino que preze a formação do cidadão, por contextualização e mediação de uma ciência mutável, contudo nas aulas de conteúdos químicos específicos aprendemos da maneira tradicional a ciência pronta, única e verdadeira, e tornamo-nos, assim, vítimas do nosso próprio destino: temos que por em prática aquilo que não aprendemos. É uma tarefa difícil transformar o conteúdo químico aprendido na academia num conceito eficaz para o ensino básico, e é isso que eu como professor recém-formado percebo que falta, para se formar professores de química e não somente químicos cientistas. A passagem de aluno para professor, não é tão simples quanto eu imaginava. Encarar quarenta pares de olhos desconhecidos e tão interrogativos quanto as minhas próprias expectativas não foi fácil. O professor iniciante tem um choque de realidade ao perceber a complexidade de sua profissão. A primeira grande contribuição deste momento é o desenvolvimento do “olhar de professor” interpretar uma escola e a realidade da sala de aula com os olhos de professor, aprender a se adequar a situações inusitadas, criar novas alternativas para ensinar, enfim, se aventurar pelo campo imprevisível da docência. É relevante pensarmos numa remodelação do conhecimento a ser ensinado na escola, o qual necessita ser inserido na cultura escolar, por meio do professor que seja capaz de pensar os fins e as consequências de seu ensino. O ensino da ciência química propriamente escolar requer de nós professores o afastamento do ensino marcado pela racionalidade técnica que perpetua a química chata, decorada, cansativa, desconectada da realidade social e desinteressante para nossos alunos. É preciso, portanto, pensarmos nas características epistemológicas da ciência química, bem como na sua função social, isto é, nos seus modos de produção e legitimação, concebendo-a como produção humana, culturalmente e historicamente constituída.